

Alemanha em guerra

The Friends of the Classless Society (Amigos da Sociedade Sem Classe)

Link: <https://brooklynrail.org/2023/11/field-notes/Germany-at-War>

Março de 2022: um dia quente e ensolarado em Berlim, ideal para um protesto de rua. Algumas semanas após a invasão russa na Ucrânia, nos reunimos para uma manifestação sob o slogan *No war but the class war (Não à guerra, mas à guerra de classes)*, um slogan um tanto desgastado pelo tempo que, reconhecidamente, tem pouco a mostrar na realidade atual. Os dias em que a agitação contra a guerra feita por radicais como Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht ou, por falar nisso, Lênin, ressoava com milhões de trabalhadores cansados de serem bucha de canhão para seus governantes, claramente já se foram, assim como o período de turbulência por volta de 1968, quando soldados rebeldes subverteram a aventura militar dos Estados Unidos no Vietnã. No entanto, uma ordem mundial marcada por tensões imperiais prontas para se transformar em uma guerra total ainda está muito presente entre nós, possivelmente mais do que nas últimas décadas. E, enquanto nos reunimos no centro de Berlim para nossa pequena e impotente declaração de descontentamento, faz apenas algumas semanas que o chanceler Olaf Scholz, um social-democrata, anunciou solenemente uma *Zeitenwende*, um "ponto de virada histórico" marcado pela agressão da Rússia: um ponto de virada, no entendimento de Scholz, que força o Estado alemão a aumentar maciçamente seus gastos militares em 100 bilhões de euros, ultrapassando até mesmo a meta da OTAN de dedicar 2% do PIB à "defesa", algo que o Partido Social-Democrata (SPD) havia rejeitado até então.

Com um comparecimento de algumas centenas de pessoas - patético para os padrões de Berlim, onde o "Dia de Maio revolucionário" atrai facilmente uma multidão de dez mil pessoas ou mais - a marcha contra a guerra é sintomática do clima político. Como um colunista liberal apontou, há apenas alguns anos, o anúncio de Scholz teria enfrentado oposição das igrejas e dos sindicatos até a extrema esquerda. Agora, até mesmo o chamado meio radical parece incerto sobre a situação e, portanto, paralisado. De fato, com relação à guerra na Ucrânia, setores da esquerda e muitos supostos radicais agem como uma "vanguarda do retrocesso", para usar uma frase de Loren Goldner.

Difícilmente passa uma semana sem que alguma celebridade esquerdista pratique o arrependimento público por ter recusado o serviço militar no passado, um caso de ingenuidade juvenil, como a agressão russa agora mostra claramente. Enquanto isso, para citar apenas um exemplo drástico, a Cruz Negra Anarquista em Dresden (normalmente um grupo de apoio a prisioneiros) torna público que os camaradas ucranianos que viraram combatentes, para os quais eles arrecadam fundos, em muitos casos se juntaram a batalhões dominados pela extrema direita, uma decisão um tanto problemática na opinião deles, mas aparentemente não há motivo para reconsiderar a natureza da "resistência ucraniana" que eles apoiam, muito menos para romper relações.

Desde o ataque da Rússia, o clima político na Alemanha tem sido dominado por uma imagem hipermoralista em preto e branco da guerra. É uma guerra do mal absoluto contra o bem absoluto. Ao contrário dos Estados ocidentais racionais, a Rússia, como a personificação do mal absoluto, é liderada não por interesses geopolíticos ou econômicos (algo que poderia permitir um acordo para acabar com o derramamento de sangue), mas pelas intenções mais sinistras: ela busca eliminar a nação ucraniana e está buscando nada menos que um genocídio. A Ucrânia, por outro lado, é um país povoado por heróicos combatentes da liberdade, completamente unidos por sua determinação de defender não apenas sua própria liberdade, mas também a nossa. O que chama a atenção aqui são os mecanismos que sustentam essa visão, apesar de todos os tipos de informações disponíveis que, pelo menos, complicam um pouco o quadro. Enquanto os regimes autoritários como a Rússia produzem o consentimento nacional por meios bastante primitivos (propaganda estatal, censura maciça, campo de prisioneiros para dissidentes), o que está em ação em um país mais liberal como a Alemanha pode ser chamado de amnésia democrática: os fatos que contradizem a versão oficial são relatados, mas são esquecidos no mesmo instante. O pedido (bem-sucedido) do governo ucraniano por bombas de fragmentação, a proibição de vários partidos políticos no país, o chauvinismo nacional extremo demonstrado não apenas por seu embaixador na Alemanha, Andriy Melnyk (que, depois de defender de forma embaraçosa o colaborador nazista e herói nacional ucraniano Stepan Bandera, foi chamado de volta a Kiev - apenas para ser promovido a vice-ministro das Relações Exteriores) - tudo isso é noticiado pela mídia ainda bastante pluralista, mas tem impacto zero. Enquanto o regime autoritário russo se baseia em mentiras simples - os nazistas tomaram conta da Ucrânia em 2014, a "operação especial" da Rússia é um movimento defensivo contra

uma ameaça militar -, o público democrático na Alemanha produz conformidade ao se basear seletivamente nos fatos que se encaixam no projeto. Guy Debord fez uma distinção entre o "espetáculo concentrado" (autoritário-estatista) e o "espetáculo difuso" (liberal-mercadológico). O mais importante é que o último, nesse caso, exige enquadrar a guerra como um evento isolado que começou em fevereiro de 2022, fazendo com que toda a história recente da Ucrânia como um campo de batalha entre a OTAN e a Rússia desapareça no escuro. Assim, o "Ocidente" não aparece como uma parte que busca seus próprios interesses, mas como uma força altruísta movida por nada além de ética imaculada ao enviar cada vez mais armas para a Ucrânia. A personificação perfeita dessa postura hipermoralista e hipócrita é a ministra das Relações Exteriores, Annalena Baerbock, do Partido Verde, defensora de uma política externa "ética" e até mesmo "feminista", que parece estar se divertindo muito ao apertar a mão de Zelensky em Kiev, liderando a luta pelo Ocidente Livre.

No entanto, "o Ocidente" é tudo menos uma entidade homogênea. Enquanto os EUA dificilmente sofrem com a guerra - com seus representantes de Estado se vangloriando abertamente de como o fornecimento de armas a Kiev é um ótimo negócio, enfraquecendo enormemente o rival russo sem perder um único soldado -, o cenário na Alemanha é notavelmente diferente, dada sua enorme dependência do petróleo e do gás russos. Garantir a Ucrânia como parte da ordem do mercado liberal da Europa, abrindo assim oportunidades de investimento e acesso a mão de obra barata, sem dúvida também é do interesse de longo prazo das empresas alemãs. No curto prazo, entretanto, as consequências da guerra para a economia alemã - e para a população que enfrenta custos de energia altíssimos - têm sido desastrosas. De certa forma, o governo sacrificou a estabilidade econômica em prol da estabilidade política no continente europeu, assumindo assim seu papel de potência hegemônica regional. E o preço a pagar por essa agenda é muito alto.

Pacifismo nacional

Essa constelação, por sua vez, reativa um tipo peculiar de "pacifismo" alemão com uma longa e terrível tradição. Já no "movimento pacifista" do início da década de 1980, que se opunha à instalação do Pershing II e dos mísseis de cruzeiro em solo alemão, os sentimentos nacionalistas eram muito fortes. Retratando o governo alemão como um cãozinho dócil do malvado Tio Sam, o apelo muitas vezes era por mais soberania

nacional; com razão, o grupo armado de esquerda *Revolutionäre Zellen* (Células Revolucionárias) publicou na época um comunicado com o título revelador "Beethoven vs. McDonald's", apontando o antiamericanismo vulgar em partes do "movimento pela paz". Da mesma forma, nas manifestações em massa contra a intervenção militar dos EUA no Iraque em 2002-2003, o chanceler social-democrata Gerhard Schröder (juntamente com seu colega francês Jacques Chirac) foi às vezes saudado como um ícone da paz e bom estadista por não se alinhar com o Departamento de Estado dos EUA: o mesmo Schröder que, apenas alguns anos antes, havia quebrado com sucesso o tabu pós-45 da intervenção militar estrangeira alemã ao se juntar à campanha de bombardeio da OTAN contra a Sérvia (uma operação militar que, aliás, também violou o direito internacional).

Hoje, apesar de todos os esforços do Estado e da mídia liberal para transformar o derramamento de sangue em uma guerra nobre para defender a liberdade e a democracia, cerca de metade da população alemã é contra o fornecimento de mais armas para a Ucrânia. Isso não se traduziu em nenhum movimento antiguerra sério, baseado na rejeição do nacionalismo e na solidariedade com aqueles designados como bucha de canhão em ambos os lados, mas, em vez disso, se expressa em um aumento maciço da Alternativa para a Alemanha (AfD), de extrema direita, por um lado, e nas tentativas dos populistas de esquerda de ganhar terreno, por outro. A AfD, que se apresenta como um "partido da paz" (embora, é claro, exija um exército mais forte), sem dúvida é motivada em parte pela admiração por Vladimir Putin, cujo governo autoritário, chauvinismo nacional e cruzada cruel contra uma suposta decadência queer-feminista "ocidental" personificam muito bem suas próprias aspirações. No entanto, há mais do que isso. Devido aos efeitos desastrosos que a guerra de sanções tem sobre a economia alemã, eles acreditam que atender ao interesse nacional exige uma mudança fundamental de rumo. Por isso, Björn Höcke, representando a ala mais ou menos nazista do partido, elogiou Putin por "apontar que a Alemanha e a Rússia são parceiros naturais na Europa: Tecnologia alemã e matérias-primas russas. Juntos, seríamos imbatíveis". Por outro lado, "os interesses dos Estados Unidos não são os interesses da Europa". Essa é a antiga visão da "Eurásia" como uma força contra-hegemônica contra o domínio dos EUA, promovida por reacionários que opõem a "cultura alemã" e a "alma russa" à suposta decadência comercial do mundo anglo-americano, e compartilhada por uma fração minoritária do establishment alemão

que age mais por interesse próprio econômico. Como na Alemanha, diferentemente dos EUA, o aumento maciço do custo de vida é, em grande parte, causado pelo fim do petróleo e do gás russos baratos, esse tipo de propaganda claramente contribui muito para a atual ascensão do AfD. De acordo com as pesquisas, ele agora teria mais de 20% dos votos nas eleições nacionais (mais do que o dobro do último resultado) e mais de 30% na maior parte do leste da Alemanha.

Por outro lado, um grupo heterogêneo liderado por Sahra Wagenknecht - uma importante política do Partido de Esquerda prestes a criar seu próprio projeto eleitoral, mais nacional-populista - tentou aproveitar o ceticismo generalizado em relação à guerra publicando um "Manifesto pela Paz" em fevereiro de 2023. Pedindo o fim do fornecimento de armas, um armistício imediato e conversações de paz, e apontando corretamente o risco de uma escalada nuclear que desapareceu ameaçadoramente do discurso público, o manifesto também demonstrou sentimentos patrióticos ao "lembrar" o chanceler de seu juramento de "proteger o povo alemão contra danos". Surpreendentemente, para um manifesto pacifista, mas totalmente alinhado com essa retórica, não há nenhuma menção aos 100 bilhões de euros adicionais a serem investidos nas forças armadas alemãs. Ainda mais surpreendente, mas novamente consistente com sua perspectiva geral, o comício "Levante pela Paz", para o qual o manifesto foi convocado, teve como um de seus principais oradores ninguém menos que o Dr. Erich Vad, um general alemão aposentado (que provou suas habilidades táticas ao não usar seu uniforme para a ocasião). Para transformar o evento em um verdadeiro espetáculo pós-moderno, figuras da extrema direita, incluindo políticos da AfD, divulgaram sua intenção de participar da manifestação iniciada por uma celebridade de esquerda. Embora, no final das contas, tenha sido apenas uma pequena parte dos 13 mil participantes do evento no Portão de Brandemburgo (um símbolo nacional cuidadosamente escolhido), e atacada por partes da multidão, a presença da extrema direita na "Revolta pela Paz" diz muito sobre esse tipo de pacifismo. Ele não tem nada em comum com uma oposição antimilitarista de princípios, mas acredita em um melhor estado de espírito - que esteja mais alinhado com o verdadeiro "interesse nacional" - e, portanto, apaga as linhas de classe que qualquer movimento sério contra as guerras teria que começar. É um viveiro de ilusões democráticas, na melhor das hipóteses, de nacionalismo, na pior, e na prática as duas coisas ao mesmo tempo.

Para o centro pró-guerra do cenário político e da mídia, isso foi mais do que bem-vindo. A sobreposição parcial de pacifistas de "esquerda" e da extrema direita pareceu justificar sua visão de que qualquer pessoa que questione a política do governo entra em uma zona obscura além da razão e da decência democráticas, servindo, em última análise, como uma quinta coluna do regime de Putin.

Confusão radical

Enquanto isso, conforme indicado acima, a esquerda radical se encontra em um estado desolado. As frações mais tradicionalistas se inclinam para Moscou, que, embora não seja mais o farol do "socialismo" que eles adoravam, ainda é vista como um contrapeso ao imperialismo ocidental e, portanto, nessa leitura, como um mal menor. (Ou talvez, o que eles sempre gostaram no socialismo de Estado oriental não foi tanto o socialismo, mas o Estado). Lendo a imprensa deles, pode-se realmente pensar que o comando central da OTAN começou a guerra. Embora sejam coerentes em sua oposição ao apoio às forças armadas alemãs, essa fixação no imperialismo ocidental e o quase silêncio sobre a natureza autoritária do regime russo equivalem a uma completa falência política.

É em parte contra essa cegueira que os esquerdistas do Leste Europeu cultivaram um discurso polêmico contra o chamado "Westsplaining". Utilizando o fenômeno comum de "mansplaining", ele ataca o hábito preguiçoso de explicar o mundo em termos de geopolítica, imperialismo e assim por diante, para colocar a culpa na OTAN e ignorar a perspectiva daqueles que estão no local, a população ucraniana que enfrenta um ataque brutal dos militares russos. Isso é certamente verdade e uma resposta legítima para aqueles que nutrem simpatia pela Rússia, mas, infelizmente, vai muito além. Partindo de uma banalidade - é claro que qualquer pessoa que se posicione sobre a guerra na Ucrânia deve tentar descobrir o máximo possível sobre a situação no país atacado e ouvir o que os camaradas e outras pessoas de lá têm a dizer -, a crítica ao "Westsplaining" acaba alimentando a moda contemporânea da "política de identidade" que eleva a posição de um orador acima do que está sendo dito. Em termos mais simples, a esquerda ocidental privilegiada deveria superar sua disputa com a OTAN e o capitalismo ocidental e aceitar como verdadeiro e correto o que "a" esquerda na Ucrânia acredita ser a coisa certa a fazer na situação atual, ou seja, defender o "seu" país contra a Rússia. Isso é essencialmente uma repetição do antigo moralismo anti-imperialista que tentava silenciar qualquer crítica aos "movimentos de libertação nacional" no sul global

como sendo arrogantes e fazendo o jogo do imperialismo ocidental; só que, desta vez, o imperialismo cuja derrota é o único objetivo que legitima todos os tipos de alianças bizarras é o russo. Dado o balanço preocupante desses "movimentos de libertação" e de sua claque na esquerda metropolitana, é surpreendente testemunhar o ressurgimento de tal lógica.

O autor do discurso raivoso que deu início a essa discussão, intitulado "Fuck leftist Westsplaining", alegou ter uma perspectiva "muito mais matizada" sobre a OTAN, pois ela é a única proteção para os europeus orientais contra o apetite imperial da Rússia. As condições específicas da expansão da OTAN "efetivamente nos tornaram membros de segunda classe da OTAN, mas era tudo o que podíamos conseguir e fomos em frente."¹ "Nós" obviamente se refere aqui aos países envolvidos, e é essa referência às nações como entidades inocentes que encontrou ressonância em certas partes do (antigo) meio radical na Alemanha. "A Ucrânia não é um estado imperialista, mas um país jovem, cuja independência e construção de nação a Rússia não aceita", argumentam alguns; outros estão moralmente indignados com os esquerdistas que querem "privar a Suécia e os estados que fazem fronteira com a Rússia da soberania de decidir sobre a adesão a uma aliança militar".² É difícil acreditar que pessoas que, em alguns casos, se opuseram consistentemente à ordem existente durante décadas, agora, sob a impressão da guerra da Rússia, se metamorfoseiem em liberais atlantistas, mas infelizmente é o que acontece.

Entretanto, essa reorientação fatal parte de um problema que não pode ser minimizado. É verdade que o objetivo inicial de guerra da Rússia era instalar um regime subserviente em Kiev, que provavelmente se assemelharia muito ao inferno na Terra que é a Bielorrússia de Lukashenko. Sem dúvida, as condições de vida da população ucraniana teriam se deteriorado significativamente nesse cenário. A Ucrânia está longe de ser a democracia idílica que está sendo vendida pelos belicistas (na verdade, no "índice de democracia" da revista *The Economist*, ela ficou em um péssimo 87º lugar), mas as pessoas não são condenadas a quinze anos de prisão por participar de uma manifestação.

¹ Zosia Brom, "Fuck leftist westsplaining", março de 2022, <https://freedomnews.org.uk/2022/03/04/fuck-leftist-westsplaining>.

² Ilya Budraitskis et. al, "Für einen solidarischen Antiimperialismus", *analyse & kritik*, 16 de agosto de 2022, <https://www.akweb.de/bewegung/ukraine-krieg-internationalismus-fuer-einen-solidarischen-antiimperialismus>; Rainer Trampert, "Die Welt als Anspruch und Beute", *Jungle World*, 24 de fevereiro de 2022, <https://jungle.world/artikel/2022/08/die-welt-als-anspruch-und-beute>.

Desde 2014, quando o conflito de longa data entre os oligarcas pró-ocidentais e pró-russos foi decidido em favor dos primeiros, abriu-se um certo espaço para os movimentos de oposição e lugares como Kiev se tornaram algo como um porto seguro para ativistas que fugiam da Rússia e de Belarus. Uma esquerda ocidental que não leva em conta esses aspectos, já que eles complicam o quadro de forma desconfortável, seria de fato culpada de um "Westsplaining" ignorante. Argumentar que, como formas de dominação de classe, todos os Estados são iguais não é uma análise materialista séria, mas uma abstração ruim. A questão, portanto, não é a "construção da nação" em um "país jovem", não é a "soberania nacional", mas o medo de ver um certo mínimo de liberdade ser pisoteado sob as botas de Putin.

Derivar disso a necessidade de apoiar a "defesa nacional", de se aliar ao aparato estatal ucraniano e à burguesia, é, no entanto, uma questão completamente diferente. Essa é a chantagem moral em curso desde fevereiro de 2022: aqueles que se opõem a armar o regime de Zelensky querem jogar a população ucraniana aos tubarões do fascismo russo. O que é completamente deixado de lado nessa leitura da situação é uma longa história de lutas dos trabalhadores por direitos políticos e liberdades cívicas, por direitos e liberdades de que precisam para sua organização como classe. A história do século XX, quando o proletariado havia ganhado certo tamanho e força, não deixa de ter lutas bem-sucedidas desse tipo. Como disse o grupo britânico Angry Workers:

Por motivos táticos e políticos, os trabalhadores devem evitar tentar lutar militarmente contra a invasão - o que os torna mais propensos a serem massacrados e completamente envolvidos em uma dinâmica nacionalista-imperialista que não podem controlar - mas lutar contra a ditadura em seus próprios termos, como os trabalhadores fizeram no Brasil, na Polônia, na Coreia do Sul ou na África do Sul na década de 1980. Todos eles foram bem-sucedidos no sentido de que recuperaram as liberdades, evitaram em grande parte ser massacrados e mantiveram, pelo menos inicialmente, um elemento de independência de classe. O Solidarnosc, o PT ou o ANC eram organizações de merda... mas dentro dessa dinâmica, os trabalhadores provaram que podiam se organizar sob a pressão de um estado policial, não apenas por meio de lutas no local de trabalho, mas por meio de redes clandestinas, atos de sabotagem e atividades de guerrilha. Mesmo

agora, nas áreas da Ucrânia ocupadas pela Rússia, as mulheres estão se unindo para se manifestar contra o recrutamento forçado³.

Por outro lado, a noção de algum tipo de participação "autônoma" no esforço de guerra praticamente desmoronou. As "Forças de Defesa Territorial", às quais alguns anarquistas e esquerdistas ucranianos se juntaram, estão firmemente integradas ao comando central. E, ao que parece, essa integração também se estende poderosamente ao nível ideológico. Embora o próprio Zelensky tenha inicialmente, quando os suprimentos de armas ainda estavam chegando lentamente, sinalizado disposição para algum compromisso - as vidas ucranianas, explicou ele na época, são mais importantes do que o território ucraniano - o objetivo declarado agora é reconquistar todo o país, inclusive a Crimeia. Um editor do jornal de esquerda *Commons*, com sede em Kiev, ele próprio membro de uma "Unidade de Defesa Territorial", disse o seguinte sobre o assunto: "Se, no decorrer das negociações, a Ucrânia for forçada a aceitar compromissos dolorosos, a busca por bodes expiatórios começará, e os sentimentos revanchistas estarão em alta. No entanto, se a Ucrânia vencer, uma vitória conjunta será capaz de superar antigas divisões na sociedade e tornar os debates políticos no país mais abertos."⁴

Uma parte significativa da esquerda radical alemã parece agir sob a influência dessas vozes da Ucrânia. O que as pessoas imediatamente afetadas pela guerra dizem e fazem tem um peso moral maior para eles; questionar suas políticas, nessa perspectiva, equivaleria a uma falta de "solidariedade internacional". Nas últimas décadas, assim como em um passado mais distante, a questão da guerra tem se mostrado repetidamente uma porta de entrada para o mainstream. Primeiro, foi o Partido Verde, nascido principalmente do movimento pacifista dos anos 80 e povoado por alguns anos por ecossocialistas e marxistas, que destacou sua integração bem-sucedida à ordem existente ao dar sinal verde para o bombardeio da Sérvia em 1999 - na verdade, ninguém poderia ter feito o trabalho com mais credibilidade do que o ex-combatente de rua que se tornou ministro das Relações Exteriores Joschka Fischer, que declarou que

³ "Working class independence and the war in Ukraine-Thoughts after 100 days of carnage", junho de 2022, <https://peopleandnature.wordpress.com/2022/06/13/ukraine-we-are-surviving-but-not-living-under-russian-occupation/>

⁴ "Humanitarian Aid is Not Enough", entrevista com Taras Bilous, junho de 2022, <https://www.rosalux.de/en/news/id/46677/humanitarian-aid-is-not-enough>.

era preciso evitar "um novo Auschwitz" em Kosovo. Em seguida, em 2002-2003, grande parte do movimento antifascista fez a surpreendente descoberta de que "o Ocidente" representa uma ordem mais liberal do que o Iraque de Saddam e se posicionou a favor da coalizão de guerra liderada pelos EUA. Agora, diante da agressão russa, anarquistas, feministas e ex-"autonomistas" de todos os tipos detectaram no regime de Zelensky, apoiado pela OTAN, o mal menor que vale a pena apoiar.

Ironicamente, embora essa mudança seja geralmente apresentada como uma expressão de empatia com "o povo ucraniano", parece que nem todos na Ucrânia compartilham desses sentimentos, pelo menos não de sua consequência prática - ser enviado para o front para morrer pela nação. O que também desmoronou cada vez mais no último ano foi a imagem de um povo unido em sua disposição de defender "seu" país e, é claro, a liberdade de todos nós. "Os ucranianos estão prontos para morrer pela perspectiva europeia", declarou alegremente a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen. Na realidade, o número de homens em idade militar que fugiram da Ucrânia é atualmente estimado em 650.000 e, presumivelmente, muitos outros se escondem do recrutamento dentro do país⁵. Como um camarada ucraniano explicou há um ano, a última onda de voluntários que se alinharam para o combate ocorreu na primavera de 2022; agora, os relatos sobre sabotagem por parte de soldados ucranianos que não querem ser enviados para o moedor de carne surgem cada vez mais. Como não é preciso dizer, o governo Zelensky não apenas proibiu homens entre 18 e 60 anos de deixar o país, tratando-os como propriedade do Estado, como qualquer Estado faria; agora também está tentando fazer com que aqueles que conseguiram fugir sejam extraditados de países europeus, embora não haja base legal para tal solicitação. E se os ucranianos estão tão ansiosos para morrer por seu país e "pela Europa", por que diabos Zelensky assinou uma lei em janeiro de 2023 que introduz punições mais drásticas para quem não segue ordens no exército e para a deserção? Sobre essas questões, muito pouco se ouve daqueles que, tanto na Ucrânia quanto no exterior, clamam por apoio à "defesa nacional". Em contraste, o grupo anarquista Assembly declarou em 2022 que "já há meses deveríamos ter visto manifestações maciças em frente às embaixadas ucranianas para abrir as fronteiras [para desertores]". Esse grupo não está sediado em Nova York,

⁵ "Kiev is searching for 650,000 conscripts," Harald Stutte, setembro de 2023, <https://www.rnd.de/politik/ukraine-krieg-kiew-sucht-650-000-verschwundene-wehrpflichtige-LGSOXAFH6NEE3LCNW5CFGG466E.html>

Berlim ou algum outro lugar aconchegante do Ocidente, mas em Kharkiv, devastada pela guerra.

Na verdade, o que é falho, na verdade escandaloso, no discurso em torno do "Westsplaining" não é tanto a tentativa de silenciar os esquerdistas ocidentais com opiniões divergentes; é a reivindicação - pelo menos implícita - de falar pela "esquerda" do Leste Europeu, se não por toda a população. Ele constrói o Leste e o Oeste como blocos homogêneos e atua como representante autoproclamado do primeiro. Na realidade, o cenário da esquerda, do radicalismo e do anarquismo nesses países é tão diverso e cheio de conflitos quanto em qualquer outro lugar. Há anarquistas russos que apóiam o esforço de guerra ucraniano e outros que não apóiam. Sobre essas questões, não é a "identidade" que decide, mas os argumentos políticos. E, além desses pequenos círculos cujo impacto sobre o curso dos acontecimentos é mínimo, a população parece igualmente dividida. De acordo com uma pesquisa recente, 41,5% dos ucranianos são a favor da continuação da guerra e 43,3% são a favor de negociações ou do congelamento do conflito; no leste e no sul do país, as regiões mais atingidas pelas hostilidades, as últimas opções têm mais de 50% de votos⁶.

Deserção e derrotismo

É claro que a deserção individual não equivale ao "derrotismo revolucionário", uma estratégia política que visa derrotar o próprio país para derrubar o governo. Deixando de lado as muitas questões historicamente relacionadas a essa estratégia, propagá-la hoje é a-histórico e fútil. O movimento dos trabalhadores no qual essas questões eram relevantes na prática, e não apenas ideias grandiosas, está morto como uma pedra, e um novo movimento ainda não surgiu, nem mesmo em forma embrionária. Nem na Rússia nem na Ucrânia há forças à vista que possam usar a oportunidade de uma crise crescente para promover um programa para a transformação da sociedade em uma associação superior e sem classes de indivíduos livres.

O melhor que se pode esperar no momento - e trabalhar para isso - é o fim do derramamento de sangue, dos trabalhadores massacrando trabalhadores. Vislumbres de esperança podem ser vistos na resistência contra a guerra na Rússia e em Belarus, que chega a bombardear centros militares e sabotar trilhos de trem, e nos desertores de

⁶ Postagem no Facebook de Vadym Yakovlev.

ambos os lados. Divulgar essa resistência para combater os mitos nacionalistas é uma das poucas coisas que os círculos subversivos dispersos e ridiculamente fracos no exterior podem fazer em uma determinada situação. Não é muito, mas, de qualquer forma, é melhor do que participar do atual discurso de guerra. Como reagirão aqueles da esquerda que querem ver a "soberania da Ucrânia" defendida pelas armas ocidentais quando - na próxima parada da estrada para o inferno - for a "soberania de Taiwan" ameaçada por um regime autoritário sinistro? Embora o "derrotismo revolucionário" seja um mero desejo nobre por enquanto, ver "o principal inimigo em seu próprio país" (Karl Liebknecht) deve servir como um guia prático. Nesse sentido, voltando ao início, a completa falta de oposição na Alemanha a um aumento maciço de armas é um sinal ameaçador.